

um tanto o leitor. Ele assume uma posição apologética diante de suas abordagens, discordantes dos métodos usados por etnólogos, antropólogos, sociólogos e psicólogos, entre outros cientistas. Penso, porém, que os princípios analisados são de grande proveito para a autenticidade das ciências humanas, sociais e religiosas. A própria exegese bíblica poderá tirar proveito dos princípios hermenêuticos apresentados pelo Autor neste campo. Não menos proveitosas são as considerações para uma reta compreensão da Liturgia como culto espiritual inaugurado por Cristo. Compreendemos melhor que a Liturgia cristã não é expressão cultural de uma religião baseada em mitos, mas no grande mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, que libertou os seres humanos dos mitos, garantido-lhes a liberdade dos filhos de Deus.

Alberto Beckhäuser, OFM

SOARES, Sebastião Armando Gameleira e CORREIA JÚNIOR, João Luiz. *Evangelho de Marcos. Vol. I: 1-8: Refazer a Casa*. Col. Comentário Bíblico. Petrópolis: , Ed. Vozes, 2002, 205 x 135 m, 300 p.

*Ney Brasil Pereira**

Sebastião Armando, atualmente Bispo da Igreja anglicana em Pelotas, foi meu colega nos estudos de mestrado em Ciências Bíblicas, no Pontifício Instituto Bíblico de Roma, no início da década de 70. Começou seu ministério de professor de exegese no ITER, Recife, nos tempos de Dom Hélder. É um dos colaboradores de primeira hora de Carlos Mesters, no CEBI, e participou, desde o início (1985), do projeto do “Comentário Bíblico” de Vozes e Sinodal, tendo contribuído com vários artigos nas revistas “Estudos Bíblicos” e “Ribla”. Seu comentário sobre o evangelho de Marcos era aguardado há vários anos. Afinal, com a colaboração de João Luiz, aí está a primeira parte da obra. Na mesma coleção já temos o comentário ao evangelho de João, de Johan Konings (Vozes 2000), e aguardamos o de Mateus, de Sandro Gallazzi, bem como o de Lucas, de Ivoni R. Reimer.

É sabido que Marcos e João formam as duas pontas dos quatro evangelhos: João, o mais “espiritual”, aprofundando a transcendência divina de Jesus, o Logos feito carne; e Marcos, o mais “somático”, para usarmos a terminologia de Clemente de Alexandria, é o evangelista que mais nos transmite o primeiro impacto da realidade humana do Filho de Deus. É sabido também que o evangelho de Marcos, com 16 capítulos, se divide naturalmente em duas partes mais ou menos iguais: os primeiros oito capítulos, até a confissão de Pedro em Cesaréia de Filipe (8,27-30), dominados pela pergun-

* O Recensor é Mestre em Ciências Bíblicas e Professor no ITESC

ta insistente: “*Quem é Jesus?*”, e os oito capítulos seguintes, até a Paixão e o sepulcro vazio, trazendo-nos a resposta: “*Jesus é o Messias sofredor*”. Esta subdivisão é a adotada pelos autores, que começam comentando os oito primeiros capítulos, neste primeiro volume, ao qual deram o subtítulo: “Refazer a Casa”.

A Introdução é sucinta, em 30 páginas (p. 11-40), abordando o contexto histórico da redação, as fontes do Evangelista (p. 14-17), a pessoa de Marcos (p. 17-19), uma “síntese da catequese de Marcos (p. 19-32), o plano geral de todo o evangelho (p. 33-37), e algumas “observações metodológicas” (p. 38-40). Os autores observam que ambas as partes do evangelho se estruturam em torno de um símbolo-eixo: o primeiro é o da *Casa*, que domina toda a primeira parte (1,1-8,26); o segundo é o do *Caminho*, que dirige as atenções para Jerusalém, ponto alto do conflito de Jesus com o sistema dominante e de toda a narrativa (8,27-16,20). A *Casa*, nos capítulos 1-8, sugere “a nova prática das mãos” (p. 20), assim como o *Caminho*, “a nova prática dos pés” (p. 26).

Nas p. 34-37 os autores apresentam com detalhes o plano adotado no comentário, incluindo a segunda parte. Distinguem um “prólogo” (1,1-13) e dividem a primeira parte em três secções, quer segundo o espaço geográfico, quer pela trama do texto (1,14-3,6; 3,7-6,13; 6,14-8,26). Também a segunda parte é dividida paralelamente em três secções, quer pelo espaço geográfico quer pela trama do texto (8,27-10,52; 11,1-13,37; 14,1-16,8). Segue o “epílogo”, que é a conclusão canônica (16,9-20).

Entre as observações metodológicas (p. 38-40), os autores advertem: Marcos não apenas quer “contar a história de Jesus”, mas “entrelaça indissolavelmente a vida de Jesus e a das primeiras comunidades”, e o faz para a instrução/catequese delas e também nossa. Por isso, o comentário tem de “desentranhar” esses “temas catequéticos, contidos no texto” (p. 38). Esse “texto” (tecido) não surgiu de repente, mas foi-se “tecendo” a partir de três referências fundamentais: 1) o contexto vital de Jesus e das comunidades; 2) a análise literária deve decodificar esse texto; 3) um texto nunca está isolado, mas, pelo contrário, insere-se *na tradição* de onde brota. Por isso, “toda leitura, por mais elementar que seja, tem de levar em conta a análise literária, a análise sociológica, e os textos paralelos. Só assim é possível alcançar, mediante o “corpo” do texto (sentido literal), o seu “espírito”, isto é, o seu sentido mais profundo, a Palavra que Deus quis comunicar “como Boa Nova e julgamento sobre nossa vida” (análise teológica ou hermenêutica).

O comentário como tal começa na p. 41, abordando em 27 páginas os 13 versículos do prólogo (1,1-13). O primeiro versículo, de capital importância “pela densidade dos termos empregados”, ocupa cinco páginas, aprofundando o sentido dos termos “princípio”, “evangelho” (substantivo caro a Marcos, que o emprega oito vezes, enquanto Lucas prefere a forma verbal “evangelizar”), “Cristo”, “Filho de Deus”. Na p. 63, ao comentar os céus “rasgados” após o batismo de Jesus, não entendi a comparação com o “trapo imprestável”, ainda mais que Isaías a usa em outro sentido e contexto (cf. Is 64,5). Na mesma página, apesar dos elementos enriquecedores, achei fraco o parágrafo em que se comenta a presença da *pomba* sobre Jesus, após o seu batismo. Aí não é a pomba que interessa, mas o *Espírito* manifestar-se sobre Jesus *como pomba*

(1,10): nesse momento da sua investidura messiânica, Jesus recebe o Espírito da mansidão, da misericórdia, da não violência, até da fraqueza, apesar de ter sido apresentado por João como “mais forte” (1,7)...

Na introdução ao comentário do início da atividade de Jesus, os autores chamam a atenção para as indicações de espaço e tempo, que interagem com as pessoas: a sinagoga, o sábado, a casa, o mar, o deserto, a Galiléia... (p. 69-70). Mostram também a contraposição entre João e Jesus: João fora o proclamador (1,4), agora é Jesus quem assume a missão de proclamar (1,14): e não simplesmente um batismo, mas o *Evangelho*, a boa notícia do *Reino*. E a comunidade, com Marcos, anunciando o Evangelho *de Jesus*, entendeu que o Reino *começou* a acontecer com a atuação dele, que por isso mesmo é o anunciador e o anunciado, e deve prosseguir com a nossa atuação (p. 72).

E assim procede o excelente comentário da primeira parte de Marcos, apresentado por Sebastião e João Luiz. Riquíssimo de observações pertinentes, fiel às orientações metodológicas expostas na Introdução (p. 38-40), sua leitura não é fácil pelo acúmulo de textos paralelos, com às vezes cansativas seqüências de citações bíblicas, que o leitor dificilmente vai compulsar na sua totalidade. Mas são indicações preciosas, que enriquecerão certamente a leitura e ajudarão a não perder de vista o “contexto”.

O primeiro milagre de Jesus em Marcos é a cura de um possesso, na sinagoga de Cafarnaum (1,21-28). Os autores a analisam sob vários ângulos, após mostrarem a estrutura da perícope (p. 83). Mostram o significado, mais que a materialidade – a demonologia – do fato. E concluem: “*Purificar* o povo vai significar, ao longo da narração, livrá-lo do poder da instituição que o aliena (a sinagoga), libertá-lo do seu espírito, denunciar seu caráter perverso e opressor. O que Jesus pretende é atrair o povo para um novo espaço (a casa), onde serão possíveis novas relações” (p. 89). De fato, “logo ao saírem da *sinagoga*”, diz Marcos, “foram à *casa* de Simão” (1,29). A propósito da cura da sogra de Simão, lemos abrangentes observações sobre a mulher em Marcos (p. 92-94). Igualmente, sobre as implicações da cura do leproso, através do proibido toque de Jesus (1,40-45: no comentário, p. 101-106).

Destaco o comentário da cena da vocação de Levi: “Esta cena ajuda-nos a ver ainda mais claro o que nos quer sugerir o evangelho quando trata da vocação. É necessário redefinir os vínculos com o sistema de convivência social já a partir do lugar que cada pessoa ocupa no aparelho produtivo. A ruptura começa daí: a *conversão* é uma efetiva *inversão* de rota desde o nível básico da sobrevivência, ou seja, o nível econômico ou infra-estrutural do sistema. O novo discípulo, como Tiago e João, deverá abandonar as antigas relações simbolizadas pela profissão e pela casa do pai: Levi já não será mais “do Mar” (da coletoria) nem “de Alfeu” (seu pai): agora sua casa é a casa de Jesus” (p. 123-124).

Na p. 134, sobre o jejum nas primeiras comunidades: “O motivo de jejuar será, porém, inteiramente novo. Será de tristeza e luto pelo noivo que lhes foi tirado, em solidariedade com um condenado pelo sistema. Representa uma tomada de posição existencial e histórica. É guardar sempre viva a memória de uma injustiça pela qual os poderes do mundo permanecem sob a acusação definitiva. Já não se trata de simples ato

de piedade ou de ascese, mas de participação concreta no sofrimento de outrem. Assume-se a perspectiva já proposta por Isaías (Is 58,1-12): cada vez mais a penitência cristã significará solidariedade”.

Na p. 144, sobre a liberdade de Jesus em relação ao sábado: “O poder do *Filho do Homem* sobre o sábado corresponde ao poder também do ser humano, do *homem*, sobre o sábado (Mc 2,27-28). O comportamento de Jesus é a revelação e a indicação do que deve ser o comportamento de toda pessoa humana frente às instituições. Em nossas mãos está o poder divino de restaurar a obra da criação: restaurar a convivência, rompendo a marginalização (cf. 2,10); restaurar a liberdade sobre as instituições, orientando-as a serviço das necessidades humanas.”

Comentando Mc 3,10-12, observam os autores: “Nesses versículos dramatiza-se algo que é peculiar a Marcos: a tensão entre manifestação e ocultamento. De um lado, o segredo de Jesus não pode ser divulgado, pois ainda não há condições para compreendê-lo. De outro lado, é impossível que a luz de sua nova prática não se irradie e se propague. Retira-se, mas atrai as multidões. Acolhe-as, mas mantém distância. É proclamado, mas impõe silêncio” (p. 167).

Na p. 170, uma sugestiva síntese do projeto de Jesus, a propósito da instituição dos Doze (3,13-19): “Tem-se a impressão de que Jesus pretende desencadear um grande movimento de renovação do povo sob o ideal clássico do *igualitarismo* das 12 tribos em aliança. Esse tinha sido o ideal permanente do povo pobre e camponês, desde o Antigo Testamento. Por força desse projeto, toda a história de Israel é a persistente luta entre campo e cidade, entre tribalismo e tributarismo, entre povo e trono. O modelo das 12 tribos era o oposto do que representava a monarquia (cf. Jz 9; 1Sm 8). O movimento profético era o guardião dessa preciosa herança e o seu arauto mais autorizado (cf Amós, Oséias, Miquéias). É desse mundo que surge Jesus, camponês das colinas da Galiléia. A reunião das 12 tribos constitui uma das expectativas da era messiânica...”

Iniciando o comentário do capítulo 4º, sobre as parábolas, assim se expressam os autores: “As parábolas são apresentadas como espelho para que se alcance a chave de leitura da atuação de Jesus. Trata-se de ‘compreender bem *esta parábola*’, para ‘entender todas as parábolas’ (4,13). E *esta parábola* é só uma amostra de algo que se sugere sistemático e intencional (4,2). O sentido concreto do termo ‘parábola’ aqui é *enigma*... e esse, entendido como o *mistério*/segredo do Reino de Deus. Ora, diz a narrativa que o Reino vai chegando na atuação de Jesus. Logo, trata-se de interpretar o enigma da prática de Jesus” (p. 186).

Na p. 196, ao comentar a exclusão dos “de fora”, do entendimento das parábolas, se alude a Is 6,9-10, mas de maneira in clara, sem citar a passagem e sem declinar o nome do profeta. Esse texto isaiano, citado tantas vezes no Novo Testamento, merecia ser melhor focalizado. Afinal, as parábolas eram “fáceis” de entender, ou não? Pelo visto, foram pronunciadas para serem entendidas, mas a “dureza do coração” (tema insistente em Marcos) impedia o seu entendimento.

Na p. 204, uma afirmação paradoxal: “Não se trata de ‘construir’ o Reino. A semente está semeada. O que se exige é participar de um processo em ato, para o qual só

está preparado quem aceita participar da ‘casa’ mediante novas relações de ‘dom’, de gratuidade, de capacidade de acolhimento... Na verdade, o Reino é a proximidade do próprio Deus que instaura a sua soberania”. Na p. 214, a propósito do “temor” dos discípulos ante o poder de Jesus que acalma a tempestade, uma frase ambígua e enigmática: “Temor é ‘esperar no amor’, é confiança e graça de Deus “...

Na p. 237, a propósito dos 12 anos da filha de Jairo, e 12 anos também da doença da hemorroíssa, os autores alegorizam demais: “O número doze associa a mulher aos doze novos patriarcas das doze tribos... os pais e as mães do povo” (!) Na p. 242 parece haver confusão entre Herodes Antipas, o mandante da execução de João Batista (6,14), e Herodes Magno, o mandante da matança dos inocentes (Mt 2,16-18, não 2,1-12).

Na p. 249, sobre a missão dos Doze (em 6,12-13): “Vê-se claramente que não se trata de ensinar alguma *doutrina* nova, mas de chamar à mudança profunda e radical de vida, e exercer ações em favor da vida, pelas quais se revela a irrupção da soberania real de Deus. A nova prática dos *pés* e das *mãos* mostra o *corpo* dos Doze como prolongamento do corpo cheio de energia divina de Jesus...” Na p. 273, a propósito da teofania na caminhada sobre as águas: “Os discípulos e nós somos chamados a contemplar, no gesto de Jesus de Nazaré, que partilha e provoca à partilha do pão, a potência messiânica daquele que ‘caminha sobre as águas’. Aqui se acham uma profunda interpelação à desalienação da religião. A potência messiânica que se revela em Jesus não é algo do mundo da fantasia ou das manifestações maravilhosas, mas tem de ser descoberta no coração da história humana: na partilha do pão com o povo necessitado, enfermo, alienado, faminto”.

O comentário termina com breve análise da cura do cego de Betsaida (8,22-26), que é paralela à do cego de Jericó, na segunda parte (10,46-52). E os autores concluem: “Tudo indica que o contraste entre os dois cegos é proposital, para fazer refletir sobre a situação dos discípulos. Em termos da simbologia de Marcos, eles têm dificuldade de operar a radical e definitiva ruptura com o Mar e a Sinagoga. São cegos. Sua cura tem sido e será, para Jesus, uma tarefa ingrata e difícil. Nela ele tem de empenhar-se com todas as suas energias, com todo o seu ‘corpo’. A visão se lhes abrirá num processo progressivo: da cegueira chegarão a ‘ver com nitidez’, mas só depois de passar por ‘grande confusão’ (Betsaida). Mas vencerá a tenacidade e a esperança. Alguém (Bartimeu) vai, formalmente, reconhecer a Jesus como ‘meu Mestre’, e vai segui-lo então pelo *caminho* que leva a Jerusalém” (p. 296).

Antes de concluir, algumas observações sobre o texto: 1) na p. 30, na metade da 3ª alínea, leia-se “O *templo* de Deus já não é mais a Casa de Deus...”, não “O povo...”; 2) na p. 42, na 4ª linha, o versículo indicado para “a figura paradisíaca de Jesus no deserto” é o v. 13, não v. 3; 3) na p. 61, no final da 2ª alínea, em vez de “sua *vida*” deve ser “sua *vinda*”, “o momento do banquete de bodas”; 4) na p. 77, no começo da 2ª alínea, a indicação sobre o “mar da Galiléia” deve ser “210 m. abaixo do nível do Mediterrâneo”, não “21 m.”; 5) na p. 91, a citação de João na 1ª alínea deve ser 4,47-52 (?), não um impossível “Jo 47,52”; 6) na p. 96, na metade da página, deve-se ler “pelos sinagogas”, não “pela sinagoga”; 7) na p. 119, na metade da página, a “tentativa” de perdoar

deve ser, provavelmente, a “iniciativa”; 8) na p. 134, no fim da 1ª alínea, valeria a pena ter citado algo do próprio texto de Is 58,1-12, não apenas a referência; 9) na p. 139, no fim da 3ª alínea, em vez de “devedor”, leia-se “cobrador”: “Deus, de doador, tornou-se *cobrador*”; 10) na p. 152, na metade da 1ª alínea, o “conhecer a Javé” é um tema mais característico de Oséias do que de Amós; 11) na p. 181, em cima, “*seu* silêncio” deveria ser explicitado: o silêncio “dos escribas”; 12) na p. 212, em baixo, a citação da 4ª estrofe deve ser v.39cd—41a, não 39cd.41a; 13) na p. 213, em cima, a citação da 3ª estrofe deve ser v.39b-41, não 38b-41; 14) na p. 214, no começo da 3ª alínea, deve ser “aquele em *quem* reside”, não “em que reside”; 14) na p. 216, no fim da 1ª alínea, leia-se “impede *de* reconhecer...”; na mesma p. 216, no final da última alínea, faltou a preposição “a”: “Continuam *a* ser sem inteligência”; 15) na p. 232, no meio da penúltima alínea, leia-se “diz *um* tempo”, não “diz bem tempo”...; 16) na p. 237, o texto de Mc 6,3 deve ser “*E* suas irmãs”, não “Eis suas irmãs”...; 17) na p. 239, no começo da 2ª alínea: “pensar em *carpinteiro* ou pedreiro”, não “carpintaria”; 18) na p. 256, no começo da última alínea, não vejo como o motivo do “banquete da corte” apareça em Ap 6,15 e 19,18; 19) na p. 259, o verbo “abençoou”, do texto de Mc 6,41, ficaria melhor traduzido como o faz a Bíblia da CNBB: “*pronunciou a bênção*”; 20) na p. 267, na última alínea, as citações de Dn 33,2 (!) e Hb 3,3 não conferem: em vez de Hb 3,3 leia-se Hab 3,3; 21) na p. 281, no início da primeira alínea, também não confere a citação de 12,38-40; 22) na p. 291, a expressão “esta geração” não denota, da parte de Jesus, “desprezo”, nem muito menos, “maldição”...

Terminando esta recensão, congratulo-me com os autores. Seu comentário da primeira parte de Marcos não é só “mais um” comentário, mas é uma contribuição significativa para a instrução e a vivência cristã das comunidades cristãs de hoje, no Brasil e na América Latina. Auxiliados por eles, redescobrimos que o evangelho de Marcos realmente “corresponde às exigências fundamentais da fidelidade histórica à prática de Jesus, transmitida pela pregação apostólica, e de adaptação às necessidades concretas dos leitores aos quais o evangelista endereçou o texto”. Os comentaristas nos ajudam a perceber, nesse texto, com clareza e mordência, “a intenção de manter viva a memória de Jesus e explicitar o significado universal de sua obra redentora” (contracapa). Ficamos aguardando com ansiedade o segundo volume.

Endereço do Recensor:
ITESC – cx postal 5041
88040-970 FLORIANÓPOLIS, SC
email: neybrasi@terra.com.br

FARIA, Jacir de Freitas. *O outro Pedro e a outra Madalena segundo os apócrifos. Uma leitura de gênero*. Petrópolis, Vozes, 2004, 14 x 21 cm, 190 páginas.

Temos que agradecer a Jacir de Freitas Faria a sua persistência em apresentar aos seus colegas e seus leitores o que ele chama de “as preciosidades” da literatura apócrifa.